

The background is a collage of teal and black shapes, resembling torn paper or abstract patterns. A white crescent moon is visible in the lower-middle section.

Ali Smith

Inverno

«*Inverno* é um romance de uma raiva feroz, terna e justa, e de uma generosidade que Dickens reconheceria.»

The Guardian

ELSINORE

Para Sarah Daniel
na cova dos leões
com amor

E para Sarah Wood
muß i' denn
com amor

Nem as iras do inverno furioso.
William Shakespeare

A paisagem dirige as próprias imagens.
Barbara Hepworth

Mas se acreditas que és um cidadão do mundo,
não és cidadão de lugar nenhum.
Theresa May, 5 de outubro de 2016

Entrámos no reino da mitologia.
Muriel Spark

A escuridão é barata.
Charles Dickens

1

Deus estava morto: para começar.
E o romance estava morto. A cortesia estava morta.
A poesia, a prosa, a pintura, todas elas estavam mortas,
e a arte estava morta. O teatro e o cinema estavam ambos
mortos. A literatura estava morta. O livro estava morto.
O modernismo, o pós-modernismo, o realismo e o surrealismo
estavam todos mortos. O *jazz* estava morto, a música *pop*,
a música *disco*, o *rap*, a música clássica, mortos. A cultura
estava morta. A decência, a sociedade, os valores familiares
estavam mortos. O passado estava morto. A História estava
morta. O Estado-providência estava morto. A política estava
morta. A democracia estava morta. O comunismo, o fascismo,
o neoliberalismo, o capitalismo, todos mortos, e o marxismo,
morto, o feminismo, morto também. A correção política,
morta. O racismo estava morto. A religião estava morta.
O pensamento estava morto. A esperança estava morta.
A verdade e a ficção estavam ambas mortas. Os *media*
estavam mortos. A Internet estava morta. O *Twitter*,
o *Instagram*, o *Facebook*, o *Google*, mortos.
O amor estava morto.
A morte estava morta.
Muitas coisas estavam mortas.
Algumas, porém, não estavam, ou não estavam mortas ainda.

A vida ainda não estava morta. A revolução não estava morta. A igualdade racial não estava morta. O ódio não estava morto.

Mas o computador? Morto. A televisão? Morta. A rádio? Morta. Os telemóveis estavam mortos. As baterias estavam mortas. Os casamentos estavam mortos, as vidas sexuais estavam mortas, o diálogo estava morto. As folhas estavam mortas. As flores estavam mortas, mortas na sua água.

Imagina-te assombrado pelos fantasmas de todas estas coisas mortas. Imagina-te assombrado pelo fantasma de uma flor. Não, imagina-te assombrado (como se existisse isso de se ser assombrado, em vez da mera neurose ou psicose) pelo fantasma (como se existisse essa coisa dos fantasmas, em vez da mera imaginação) de uma flor.

Os fantasmas não estavam mortos, não propriamente. Em vez disso, surgiram as seguintes perguntas:

são os fantasmas coisas mortas

são os fantasmas coisas mortas ou vivas

são os fantasmas coisas mortais

mas em todo o caso esquece os fantasmas, afasta-os da mente, porque esta não é uma história de fantasmas, apesar de ser pleno inverno quando ocorre, uma luminosa manhã soalheira pós-milénio na era do aquecimento global na véspera de Natal (o Natal, também ele, morto), e de ser sobre coisas reais que acontecem realmente no mundo real com pessoas reais em tempo real no planeta real (a-hã, o planeta, também ele morto):

Bons-dias, disse Sophia Cleves. Feliz véspera de Natal.
Falava para a cabeça sem corpo.
Era a cabeça de uma criança, uma cabeça apenas,
nenhum corpo unido a ela, a pairar.

Era tenaz, a cabeça. Há quatro dias que estava em sua casa; abriu os olhos esta manhã e a cabeça ainda ali estava, desta vez suspensa sobre o lavatório a ver-se ao espelho. Girou para a olhar de frente no instante em que ela lhe falou e, quando a viu — pode dizer-se que uma coisa sem pescoço nem ombros se inclina? pôs-se em posição oblíqua, disso não há dúvida, como que tombou para a frente com os seus olhos para baixo em gesto respeitoso reerguendo-se cortês e animadamente, um aceno, ou uma vénia? Era do sexo masculino ou feminino? Uma coisa era seguramente: uma cabeça com boas maneiras, educada, a cabeça de uma boa criança educada (ainda na pré-linguagem, talvez, porque muito calada) agora do tamanho de uma meloa-cantalupe (seria ironia ou defeito, a maior familiaridade com meloas do que com crianças? felizmente para ela, Arthur depressa compreendera em pequeno que ela preferia que as crianças aspirassem a ser menos crianças do que eram), embora em nada semelhante a uma meloa, na medida em que tinha um rosto, e uma farta cabeleira alguns centímetros mais longa do que ela própria, esparsa,

exuberante, escura, ligeiramente ondulada, muito romântica como um *cavalier*¹ em miniatura se fosse do sexo masculino, ou, se do sexo feminino, algo como a criança enfeitada com folhas no parque em Paris de costas para a máquina no velho postal a preto-e-branco da fotografia tirada pelo fotógrafo francês do século xx Édouard Boubat (*Petite fille aux feuilles mortes*. Jardin du Luxembourg. Paris, 1946) e quando Sophia acordara esta manhã e a vira ali, a cabeça com a parte de trás da cabeça voltada para ela, o seu cabelo estava a fazer aquela coisa sedutora de subir e descer ligeiramente no ar do aquecimento central, mas só num dos lados, o lado diretamente acima do radiador; agora agitou-se e esvoaçou por um fragmento de instante atrás dos movimentos e equilíbrios autónomos da cabeça como o cabelo de uma pessoa em câmara lenta suave num anúncio publicitário a um champô. Estão a ver? O anúncio publicitário a um champô não é fantasma nem espírito malévolos. Nada tem de assustador.

(A menos que os anúncios publicitários a champôs, ou talvez todos os anúncios, *sejam* na verdade assustadoras visões dos mortos-vivos e simplesmente nos tenhamos acostumado de tal maneira a eles que já não ficamos horrorizados.)

Em todo o caso, não era apenas assustadora, a cabeça. Era doce, e tímida na sua cortesia, e estas não são palavras que possam ser associadas a uma coisa morta ou à noção do espírito saltador de uma coisa morta — e não parecia de modo nenhum morta, apesar de aparentemente talvez um tudo-nada mais aterradora em baixo no sítio onde outrora teria existido

¹ Termo originalmente utilizado pelos Cabeças Redondas para designar os mais abastados apoiantes realistas de Carlos I de Inglaterra e Carlos II de Inglaterra durante a Guerra Civil Inglesa e que mais tarde viria a ser adotado pelos próprios realistas. [N. do T.]

um pescoço, onde estava o rumor, apenas, de algo mais visceral, esfarrapado, carnudo.

Mas quaisquer sinais evidentes disso estavam bem escondidos atrás do cabelo e do queixo, não a primeira coisa que chamasse a atenção, que era a *vida* nela, a afabilidade do comportamento, e quando balançava e fazia que sim jovialmente no ar ao lado de Sophia como uma pequena boia verde em águas calmas enquanto ela lavava o rosto e escovava os dentes, e quando planava descontraidamente à frente de Sophia escadas abaixo e avançava serpenteando, qual pequeno planeta no seu próprio microuniverso, por entre os poeirentos caules do conjunto de orquídeas mortas no patamar inferior, irradiava mais benignidade do que a cabeça de qualquer Buda que Sophia vira até então, do que a cabeça pintada de qualquer Cupido ou querubim de Natal pasmado.

Na cozinha Sophia pôs água e café na cafeteira. Enroscou a parte superior da cafeteira e acendeu a boca do fogão a gás. No momento em que o fez a cabeça desviou-se do calor repentino. Tinha os olhos prenhes de riso. Como que por diversão atreveu-se a aproximar-se da chama para depois se afastar.

Vais pegar fogo ao cabelo, disse ela.

A cabeça abanou a cabeça. Ela riu. Encantador.

Pergunto-me se saberá o que é o Natal, se saberá da existência da véspera de Natal.

Qual a criança que não sabe?

Pergunto-me se haverá comboios. Pergunto-me se gostaria que a levasse a Londres. Podíamos ir à Hamleys. As luzes de Natal.

Podíamos ir ao jardim zoológico. Pergunto-me se alguma vez terá ido ao jardim zoológico. Pergunto-me se o jardim zoológico estará aberto nesta altura da época natalícia.

Ou podíamos ir e ver, não sei, soldados da Guarda Real, estarão lá independentemente do Natal com os barretes de pele, os casacos vermelhos. Seria qualquer coisa de esplêndido. Ou o Museu da Ciência, onde é possível ver coisas como os próprios ossos através das mãos.

(Ah.

A cabeça não tinha mãos.)

Bem, eu podia premir os botões *por* ela, as coisas interativas, podia fazer essas coisas por ela se ela não as conseguia fazer. Ou o V&A. Coisas de uma beleza imensa, independentemente da idade de quem vê. O Museu de História Nacional. Posso enfiá-la no meu casaco. Levarei um saco grande. Nele farei orifícios para os olhos. Dobrarei um cachecol para pôr no fundo do saco, uma camisola de lã, algo macio.

A cabeça estava no peitoril da janela a cheirar o que restava do tomilho comprado no supermercado. Fechou os olhos num gesto que parecia de prazer. Roçou a testa contra as minúsculas folhas. O aroma do tomilho espalhou-se pela cozinha e a planta caiu na pia.

Enquanto ali estava, a planta, Sophia abriu a torneira e deu-lhe de beber.

Depois sentou-se à mesa com o café. A cabeça instalou-se ao lado da fruteira, maçãs, limões. Fez a sua mesa parecer uma sátira à arte, uma instalação ou um quadro do artista Magritte, *Isto Não é Uma Cabeça*; não, um Dalí, ou as cabeças de De Chirico, mas cómicas, como Duchamp que pôs o bigode na Mona Lisa, ou mesmo algo como uma natureza-morta sobre um tampo de mesa de Cézanne, pintor que ela sempre julgara por um lado perturbador e por outro estimulante uma vez que desvenda, apesar de ser difícil acreditar, que coisas como maçãs e laranjas podem ser também em tons de azul e roxo, cores que jamais se suporia conterem.

Num dos jornais vira recentemente uma imagem do que parecia ser uma parede de pessoas em frente à parede onde a Mona Lisa está pendurada no Louvre. Ela própria vira a Mona Lisa ao vivo, mas ainda antes de ter tido Arthur, ou seja, há três décadas, e mesmo na altura fora bastante difícil vê-la por causa da multidão considerável postada diante dela a tirar-lhe fotografias. Também se revelara extraordinariamente pequena, a obra-prima, muito mais pequena do que esperava de uma obra-prima tão famosa. Talvez a multidão em frente a ela a fizesse parecer mais pequena.

Mas a diferença era que as pessoas postadas diante do quadro agora nem sequer se davam ao trabalho de se voltarem para ele. Quase todas estavam de costas porque tiravam fotografias de si mesmas ao lado dele; hoje em dia aquele velho quadro sorria o seu sorriso superior às costas das pessoas, pessoas com os seus telefones levantados acima da cabeça. As pessoas pareciam saudar. Mas saudar o quê?

O espaço em frente a um quadro onde as pessoas se postam sem olharem para ele?

A sua própria figura?

A cabeça na mesa ergueu-lhe as sobrancelhas. Como se conseguisse ler-lhe a mente, exibiu-lhe um sorrisinho afetado à Mona Lisa.

Muito engraçado. Muito astuto.

A National Gallery? Seria a National Gallery do seu agrado? O Tate Modern?

Mas todos estes lugares, a estarem abertos hoje, fechariam ao meio-dia como a maior parte dos sítios e em todo o caso os comboios, véspera de Natal.

Portanto. Londres não.

O quê, então? Um passeio no alto da falésia?

Mas e se o vento levasse a cabeça para o mar?

Uma dor atravessou-lhe o peito no instante em que o pensamento lhe acudiu à mente.

Faça o que fizer hoje, podes acompanhar-me, disse à cabeça. Desde que te portes bem e fiques sossegada.

Mas na verdade não preciso de o dizer, pensou. Visita menos importuna seria impossível.

É muito bom, ter-te aqui em casa, disse ela. És muito bem-vinda.

A cabeça pareceu verdadeiramente feliz por isso.

Há cinco dias:

Sophia entra no escritório da sala de estar, liga o computador de trabalho, ignora os muitos e-mails com o ! vermelho e abre de imediato o *Google* onde digita

ponto verde-azulado no olho

depois, mais precisamente,

ponto verde-azulado na visão periférica a aumentar.

Tem Uma Mancha na Íris? Encontre AQUI a Explicação! –
Manchas, Pontos e Moscas Volantes: Como Saber o Que
Está no Interior dos Seus Olhos

Quando fecho os olhos... vejo pontos coloridos : askscience
Visão turva, Pontos ou filamentos móveis na visão,
Sensibilidade à Luz e

Pontos Coloridos na Visão – Fórum de Distúrbios da Visão
– eHealthForum

5 Sinais de Que Sofre de Enxaqueca Retiniana – Headache
and Migraine News

Fenómeno entóptico – *Wikipédia*

Faz pesquisas nalguns sites. Cataratas. Problema de
filtragem da luz. Deslocamento do vítreo. Abrasão corneana.
Degeneração macular. Moscas volantes. Enxaquecas.
Possível deslocamento da retina. Consulte imediatamente

um médico caso as manchas ou moscas volantes persistam ou lhe causem preocupação.

Depois escreve no *Google*

pequena esfera azul-esverdeada na minha visão periférica

Aparece-lhe no ecrã A Arte de Ver: A Perceção do Terceiro Olho e A Contemplação Mística, um sem-número de coisas sobre médiuns e Porque É Que a Visão de Luzes É Um Sinal dos Seus Anjos | Doreen Virtue – Página Oficial.

Valha-me Deus.

Marca uma consulta na sucursal de uma cadeia de óticas para dali a uns dias.

A jovem optometrista loira surge de uma divisão recuada e atenta no ecrã para depois se fixar em Sophia.

Olá, Sophia, o meu nome é Sandy, diz ela.

Olá, Sandy. Preferia que me tratasse por senhora Cleves, diz Sophia.

Com certeza. Queira fazer o favor de me acompanhar, s... hum, diz a optometrista.

A optometrista sobe uma escadaria ao fundo da loja. No piso superior há uma sala com uma cadeira elevada, muito semelhante às que se veem nos consultórios dos dentistas, e também várias máquinas. A optometrista faz um gesto na direção da cadeira a sugerir que Sophia se sente nela. Está de pé a uma secretária, a tomar notas. Pergunta quando é que Soph... – hum, senhora Cleves – foi pela última vez a uma consulta de optometria.

Esta é a minha primeira consulta de optometria, diz Sophia.

E veio porque tem tido problemas de visão, diz a optometrista.

É o que vamos ver, diz Sophia.

Ah! Ah!, diz a jovem optometrista como se Sophia estivesse a ser espirituosa, o que não é o caso.

A optometrista faz testes de visão a distância e testes de visão ao perto, testes em que os olhos são tapados alternadamente, testes em que um sopro atinge os olhos, um teste em que ela olha para dentro dos olhos de Sophia com uma luz e deixa Sophia espantada (e inesperadamente comovida) por conseguir ver ramos nos próprios vasos sanguíneos, e um teste em que é preciso carregar num botão quando e se se vê um ponto deslocar-se no ecrã.

Depois volta a perguntar a Sophia a data de nascimento.

Incrível. Por momentos pensei que me teria enganado a anotá-la, diz a optometrista. Porque, com toda a honestidade, os seus olhos estão em ótimo estado. Nem sequer precisa de óculos de leitura.

Estou a ver, diz Sophia.

Está sim, diz a optometrista, e muito bem para alguém na sua faixa etária. Tem mesmo muita sorte.

Sorte?, diz Sophia.

Bem, imagine a coisa da seguinte maneira, diz a optometrista. Imagine que sou mecânica e alguém me aparece na oficina com um carro da década de 1940, e ao levantar o capô constato que o motor está em quase tão bom estado como quando saiu da fábrica em (a optometrista espreita o formulário) 1946, simplesmente espantoso, um triunfo.

Está a comparar-me com um velho *Triunfo*², diz Sophia.

Como novo, diz a optometrista (que claramente não faz ideia de que o *Triunfo* já foi um carro). Quase como se não tivesse sido usado. Não sei como conseguiu.

Está a sugerir que passei a vida com os olhos fechados, ou que fui de alguma forma negligente no seu uso pleno?, diz Sophia.

² Em benefício do jogo fonético, optou-se pela tradução de *Triumph*, antiga marca de automóveis britânica. [N. do T.]

Sim, ah, é precisamente isso, diz a optometrista enquanto percorre com os olhos a papelada e prende uma coisa a outra com um agrafio. Subaproveitamento criminoso da visão, terei de denunciar o caso às autoridades oftalmológicas.

Depois vê a expressão no rosto de Sophia.

Ah, diz. Hum.

Viu nos meus olhos alguma coisa que a tenha preocupado?, diz Sophia.

Há alguma coisa em particular que a esteja a preocupar a si, senhora Cleves?, diz a optometrista. Alguma coisa que porventura não me tenha dito ou que talvez a esteja a inquietar. Porque ocultar...

Sophia silencia a rapariga fulminando-a com os seus (excelentes) olhos.

O que eu preciso de saber, e a única coisa que eu preciso de saber, faço-me entender, é, diz Sophia. Alguma das suas máquinas lhe indicou alguma coisa com que me deva preocupar a propósito da minha visão?

A optometrista abre a boca. Depois fecha-a. Depois reabre-a.

Não, diz a optometrista.

Muito bem, diz Sophia. Quanto é e a quem devo pagar?

Não é nada, diz a optometrista. Porque uma vez que tem mais de 60 anos, não é...

Ah, estou a ver, diz Sophia. Então foi por isso que quis confirmar a minha data de nascimento.

Desculpe?, diz a optometrista.

Ocorreu-lhe que eu podia estar a mentir em relação à minha idade. Para conseguir um exame oftalmológico gratuito na loja da cadeia de óticas onde trabalha, diz Sophia.

Hum..., diz a jovem optometrista.

Franze o sobrolho. Baixa o olhar, parece subitamente perdida e trágica no meio das pirosas decorações de Natal da

cadeia de óticas. Não diz mais nada. Introduce os documentos impressos e os formulários e as notas que tomou numa pequena pasta de arquivo que abraça de encontro ao peito. Faz um gesto a Sophia para que desça as escadas.

Faça favor, Sandy, depois de si, diz Sophia.

O rabo de cavalo loiro da optometrista sobe e desce à medida dos passos e quando chegam ao piso térreo ela desaparece através da porta da qual originalmente surgira sem se despedir.

Numa atitude igualmente indelicada, sem erguer os olhos do ecrã, uma rapariga que está ao balcão sugere a Sophia que comente no *Twitter*, publique no *Facebook* ou avalie no *TripAdvisor* a sua experiência de hoje na ótica porque as avaliações são mesmo muito importantes.

É a própria Sophia quem abre a porta da loja.

Neste momento está a chover muito lá fora nas ruas e a ótica é o tipo de sítio que tem guarda-chuvas com o nome da cadeia gravado, e há um bengaleiro com alguns deles lá atrás ao pé do balcão. Mas a rapariga está a olhar para o ecrã e resolutamente a não olhar para Sophia.

Chega ao carro completamente encharcada. Senta-se no habitáculo no parque de estacionamento sob o barulho da chuva no tejadilho, no não desagradável cheiro a casaco e a banco molhados. Gotas escorrem-lhe do cabelo para o corpo. É libertador. Vê a chuva transformar o pára-brisas numa mancha turva em movimento. Os postes da iluminação pública acendem-se e a mancha turva povoa-se de inconstantes pontos deformados de muitas cores, como se alguém tivesse arremessado pequenos projéteis de tinta contra o pára-brisas; tal deve-se às fiadas de lâmpadas de Natal coloridas instaladas pela vereação que contornam o parque de estacionamento.

A noite está a cair.

Mas não é encantadora?, diz ela.

e esta é a primeira vez que ela lhe fala — à abrasão, à degeneração, à desligação, à flutuação, que por esta altura é ainda bastante pequena, ainda não se percebe que é uma cabeça, pequena como uma mosca a pairar em frente a ela, um *sputnik* minúsculo, e quando ela lhe fala assim diretamente a coisa é como uma bola atingida pela alavanca de aço no canto de uma máquina de *flippers* e ricocheteia de um lado do carro para o outro.

O seu movimento, às quase quatro da tarde na escuridão do inverno no dia mais curto do ano, é jubilação.

Na extinção do crepúsculo, antes de rodar a chave para ligar o motor e conduzir em direção a casa, Sophia observa a coisa sob o espargimento de cor no vidro, a mover-se livremente através do tabliê como se o plástico do tabliê fosse a superfície de uma pista de gelo, a projetar-se do apoio para a cabeça no banco do passageiro, a descrever a curva do volante uma vez, depois outra e outra ainda, como se ensaiasse a sua perícia e depois exibisse a sua perícia.

Agora estava sentada à mesa da cozinha. Agora a o-que-quer-que-fose era do tamanho da cabeça de uma criança real, uma criança manchada e empoeirada raiada de verde, uma criança chegada a casa coberta de manchas de erva, uma criança estival à luz de inverno.

Permaneceria criança ou tornar-se-ia adulta, a cabeça? Cresceria, por assim dizer, até se transformar na cabeça suspensa de um humano plenamente desenvolvido? Viria a ser maior ainda? Do tamanho de uma roda de bicicleta pequena, do tipo que se vê nas bicicletas dobráveis? Depois do tamanho de uma roda de bicicleta grande? de uma bola de praia das antigas? do globo insuflável no filme antigo *O Grande Ditador*

no qual Chaplin se veste de Hitler e atira o mundo de um lado para o outro no ar por cima dele até rebentar? A noite passada, quando se entretivera a rolar qual bola de bowling ao longo da passadeira no corredor contra a vitrina para ver quantas das figuras de cerâmica inglesa setecentista de Godfrey conseguia tombar de cada vez que lhe esbarrava nas pernas, a cabeça fizera pela primeira vez lembrar a cabeça em queda, rolante, cortada, decapitada, decepada e bastante real de uma...

e este fora o momento em que ela a pusera fora de casa, o que não foi difícil, porque era muito crédula, a cabeça. Bastou-lhe sair para o jardim na escuridão e a cabeça seguiu-a, ela sabia que o faria, a oscilar como um balão de hélio comprado numa feira popular, e depois, enquanto a cabeça flutuava à frente (à cabeça) em direção aos ciprestes de Leyland como se estivesse de facto interessada em árvores ela apressara-se a reentrar furtivamente em casa e fechara a porta, atravessara a casa tão depressa quanto possível e instalara-se no cadeirão da sala de estar, a cabeça abaixo das costas dele de maneira que quem (ou o que) espreitasse pela janela a julgasse ausente.

Nada, durante meio minuto, durante um minuto inteiro.
Ótimo.

Mas depois à janela pancadas muito leves. Toc toc toc.

Afundada no cadeirão com o corpo esticado, pegou no comando pousado na mesa de café ao lado, ligou a televisão e aumentou o volume.

As notícias desfilavam na sua habitual histeria reconfortante.

Mas por baixo delas novamente, toc toc toc.

De maneira que se encaminhara para a cozinha e ligara o rádio, alguém na *The Archers*³ tentava encontrar espaço no

³ Radionovela britânica transmitida na BBC Radio 4. [N. do T.]

frigorífico para um peru, e por trás das vozes no rádio, na porta de correr que dava para a escuridão do jardim, o toc toc toc.

Depois na janelinha da porta das traseiras também, toc toc toc.

De maneira que galgara os degraus na escuridão, depois mais degraus ainda, depois finalmente subira a escada para o alçapão e entrara no sótão, percorrendo o quarto do sótão e atravessando a porta baixa que abria para a casa de banho ao fundo onde se enfiara debaixo do lavatório.

Nada.

O invernosos barulho do vento nos ramos.

Depois na claraboia um brilho, como aquelas luzes de presença para as crianças que têm medo do escuro.

Toc toc toc.

Ali estava qual relógio público iluminado, lua de inverno num cartão de Boas-Festas.

Saiu de debaixo do lavatório e abriu a claraboia e a cabeça entrou.

Primeiro pairou em frente à cabeça dela. Depois desceu à altura a que estaria a cabeça de uma criança real e ergueu-lhe o olhar com olhos redondos e tristes. Mas imediatamente a seguir a isso, como se soubesse que ela a desprezara por julgá-la patética ou manipuladora, levitou até ficar novamente à altura da cabeça dela.

Tinha um ramo de, era azevinho que segurava na boca? Estendeu-lho como se lhe estendessem uma rosa. Ela pegou no ramo. No instante em que o fez, a cabeça deslocou-se no ar um tudo-nada e fixou-se nela.

O que havia naquele olhar que a fez descer logo todos os pisos da velha casa com o ramo de azevinho, abrir a porta da rua e entrançá-lo na aldraba?

A coroa de Natal deste ano.

*

É uma terça-feira do mês de fevereiro de 1961, ela tem 14 anos e quando desce para tomar o pequeno-almoço depara com Iris que se levantou cedo — inacreditável, Iris fora da cama num dia de folga — a preparar uma torrada para si com a mãe delas a gritar-lhe por causa das migalhas queimadas na manteiga, e depois, como se lhe *apetecesse caminhar* às oito e um quarto da manhã apenas porque sim Iris acompanha-a no trajeto até à escola e quando chegam ao portão no momento em que ela está prestes a entrar diz-lhe, diz-me uma coisa, Philo, a que horas é o teu intervalo da manhã? Às onze e dez, responde. Muito bem, replica Iris, diz a uma colega tua que não te estás a sentir bem, escolhe uma que seja hipocondríaca e diz ao pessoal que hoje te sentes indisposta e às onze e vinte estou ali à tua espera. Aponta para o lado oposto da rua. Até logo!, e gira a mão num aceno antes de Sophia ter oportunidade de dizer o que quer que seja, e dois rapazes do 4.º ano⁴ que por ali passam travam a marcha e observam Iris a afastar-se, um deles está de boca aberta, aquela é mesmo a tua irmã, Cleves?, diz o outro.

Inclina-se sobre a secretária de Barbara na aula de Matemática.

Sabes, hoje sinto-me mesmo maldisposta.

Ui, diz Barbara para depois se afastar dela.

Iris, brilhante.

Iris, sarilhos. Sophia não é sarilhos, nunca sarilhos, é o tipo de rapariga que nunca faz o que é errado, é pura, correta, uma rapariga claramente à cabeça na corrida para encabeçar os destinos da associação de estudantes (e ser a cabeça que rege os destinos de um gabinete de uma empresa,

⁴ Equivalente ao 10.º ano em Portugal. [N. do T.]

depois a cabeça que gere o seu próprio negócio à cabeça das demais num tempo em que as raparigas não estão destinadas a estar à cabeça ou ser a cabeça de coisa alguma, o tempo em que pela primeira vez na sua vida dá por si mergulhadíssima no erro, e do qual herdará uma generosa quantidade, não, uma cruel quantidade, de culpa) e acabou de mentir descaradamente, o que teve como efeito fazê-la sentir-se tão maldisposta quanto dissera estar, portanto afinal não se tratou de nenhuma mentira, e agora está à beira de fazer algo com certeza ainda mais não permitido e errado, seja qual for o desfecho, o que lhe faz o coração disparar com uma violência tal através dos logaritmos que está convencida de que todo o seu ser estará a pulsar visivelmente, *por favor, Senhor Professor, a Sophia Cleves parece estar a latejar*, porém o toque para o intervalo soa e ninguém disse nada e ela esgueira-se para o vestiário das raparigas e tira o casaco do cabide, veste-o, abotoa-o como que prestes a enfrentar o frio lá fora apesar de na verdade hoje estar um dia bastante quente.

Está ao pé do portão das Raparigas como se ali estivesse por acaso a pensar nalguma coisa, e consegue ver Iris à porta da Melv's, a velha placa de metal da Colman's Mustard na parede a condizer com o amarelo do casaco de Iris como se Iris soubesse que combinaria, quisesse que combinasse.

Ninguém está a olhar. Sophia atravessa a rua.

Em frente à loja Iris é a sentinela que protege o espaço entre ela e qualquer dona de casa de passagem que possa relatar à mãe o que viu, e ela faz o que lhe é dito, afrouxa o nó da gravata e enrola-a no bolso. Depois Iris despe o casaco amarelo-vivo pondo a descoberto o casaco de couro curto que enverga. Fá-lo deslizar dos ombros também e estende-o.

Podes usá-lo até à meia-noite de hoje, diz Iris, depois tens de mo devolver, caso contrário transforma-se em cinza e pó.

Feliz Dia de São Valentim. Ou podes chamar-lhe uma prenda de Natal antecipada. Vá lá, experimenta-o. Anda lá. Pronto. Uau, Soph, fica-te a matar. Dá cá o teu casaco.

Iris entra na Melv's com o casaco do uniforme escolar. Sai sem ele. O Melv diz que to guarda até amanhã sem dizer nada a ninguém, diz. Mas tens de sair de casa bem cedo para que a mãe não te veja sem o casaco, portanto. Pelo sim, pelo não, vai pensando numa desculpa.

Que tipo de desculpa?, diz ela. Não lhe sei mentir como tu.

Eu? Mentirosa?, diz Iris. Diz-lhe que o deixaste na escola. Que estava muito calor. Bem! É verdade.

É verdade – no calendário é inverno ainda, fevereiro, mas faz muito calor, hoje pôs-se um dia escandalosamente quente, não um calor de primavera, mais de verão. Mas ainda assim ela mantém o casaco vestido durante todo o percurso, mesmo no metro. Iris leva-a a um café depois a um sítio chamado Stock Pot para comerem carne estufada com batatas, e depois diz-lhe para dobrarem uma esquina e estão à porta de um cinema Odeon. O cartaz cá fora é do *G.I. Blues*. *A sério?*

Iris ri da expressão no rosto dela.

És impagável, Soph.

Iris é uma proíbam a bomba-ísta. Não às Bombas «H». Não ao Suicídio Nuclear. Do Medo para a Sanidade. Seriam Capazes de Disparar uma Bomba «H». Iris comprou uma canadiana especialmente para a marcha de protesto, e a discussão que começou por causa da canadiana tornou-se a maior discussão de sempre sobre qualquer assunto, o pai furioso com ela, a mãe a morrer de vergonha quando ela deixou as visitas à hora do chá em choque não só por discorrer, o que por si só não é coisa que caiba às raparigas fazer, mas por discorrer acerca da poeira tóxica no ar e de toda a comida

agora também falando depois às pessoas do trabalho do pai que foram lá a casa sobre as *duzentas mil pessoas condenadas à morte em nosso nome*, o pai viria a bater-lhe mais tarde quando ela gritou não matarás na sala de estar, e o pai nunca bate em ninguém. Iris vem dizendo há meses que jamais pagará para ir ver um filme em que Elvis desempenha o papel de um soldado. Mas até comprou bilhetes para os melhores lugares, no segundo balcão, o mais à frente possível.

Nele, Elvis é um soldado chamado Tulsa, um *G.I.* ao serviço do exército durante a ocupação que passa o dia com uma dançarina na Alemanha. A dançarina é mesmo alemã. Se o pai delas soubesse que estavam a ver algo em que os alemães são retratados como pessoas ficaria tão furioso como quando partiu o disco dos Springfields com as solas dos sapatos e depois atirou os pedaços para o caixote do lixo por causa da canção sobre para onde foram todas as flores em alemão nele incluída. Elvis e a dançarina alemã estão num *ferryboat* no Reno, um rio que, sussurra Sophia, ao contrário do que é comum, tem a sua própria unidade de medida. (Iris suspira, revira os olhos. Iris suspira também enquanto Elvis canta a um bebé num cesto uma canção sobre como o bebé já é um pequeno soldado, e Iris solta uma gargalhada sonora — a única pessoa em todo o cinema a rir — no princípio do filme quando Elvis, num tanque com um comprido e protuberante canhão, dispara um projétil que faz explodir uma barraca de madeira, embora Sophia não consiga perceber como nem por que razão Iris vê graça nisso, e depois de terminado o filme, quando saem para as ruas de Londres, Iris está a abanar a cabeça e a rir, um homem que é uma vela a derreter, diz Iris, uma vela a derreter na forma de um homem. O Elvis é uma vela? Como assim?, diz ela. Iris ri novamente e coloca o braço em torno dela. Bora lá. Café e depois casa?)

São tantas as canções no *G.I. Blues* que rareiam os momentos em que Elvis não está a cantar alguma coisa. Mas a melhor canção surge quando ele e a alemã vão a um parque onde decorre um espetáculo de fantoches, tipo *Punch & Judy*, no qual um pai-fantoches, um soldado-fantoches e uma rapariga-fantoches atuam para uma plateia de crianças. A rapariga-fantoches está apaixonada pelo soldado-fantoches, e vice-versa, mas o pai-fantoches diz qualquer coisa do tipo jamais acontecerá em alemão. De maneira que o soldado bate no pai com um pau até o pai desaparecer de cena. O soldado-fantoches começa a cantar uma canção alemã à rapariga-fantoches. Mas a coisa corre mal porque a canção que o velhote responsável pelo gira-discos no espetáculo de fantoches põe a tocar vacila, demasiado acelerada e depois demasiado lenta. De maneira que Elvis diz *talvez eu te possa dar uma ajudinha*.

O que acontece a seguir é: o ecrã da sala de cinema — e é um dos maiores que ela alguma vez viu, tão maior do que os ecrãs na vila onde vive que lhe parece injusto — passa a ser todo ele o cenário do teatro de fantoches com Elvis visível do peito para cima, um gigante de visita proveniente de outro mundo, ao lado dele a rapariga-fantoches de corpo inteiro e minúsculo fazendo Elvis parecer uma espécie de deus. Ele começa a cantar para o fantoches e a cena torna-se a coisa mais poderosa e bela que Sophia alguma vez testemunhou; de uma maneira que não sabe explicar, Elvis está ainda mais belo e fantástico do que no princípio do filme quando aparecia no duche com os outros soldados a ensaboar-se em tronco nu.

Há uma fração de segundo em particular que Sophia mais tarde insiste em tentar reproduzir na cabeça mas ao mesmo tempo não tem a certeza se não terá sido imaginação sua. Mas não pode ter sido. Porque a trespassou.

Acontece quando Elvis convence a rapariga-fantoches, que na verdade não é mais do que um simples fantoches mas ainda assim é também muito engraçada e atrevida, a ceder, a encostar-se ao ombro e ao peito dele por um momento. Quando o faz, Elvis lança um olhar que de tão discreto e rápido é quase inexistente à rapariga que ama na plateia — e às pessoas que assistem ao espetáculo de fantoches e também às pessoas que assistem ao filme, entre as quais se inclui Sophia — o mais ligeiro gesto da sua bela cabeça como que a dizer, bem, um sem-número de coisas, entre elas: ei, olha para isto, olha para mim, olha para ela, quem diria? vê só, estás a ver?

Manhã da véspera de Natal, 10 horas, e a cabeça sem corpo dormitava. Um rendilhado maciço verde, com aspeto de copa, um emaranhado de minúsculas folhas e frondes adensara-se-lhe e ondulara-se-lhe nos contornos das narinas e do lábio superior como muco nasal ressequido e os sons das inalações e exalações produzidos pela cabeça eram de tal maneira naturais que acaso alguém no exterior desta divisão a ouvisse certamente julgaria que uma criança real e inteira, apesar de muito constipada, dormia aqui uma sesta.

Aquela coisa, o *Calpol*, ela podia comprá-lo na farmácia, ajudaria?

Mas o mesmo maciço parecia assomar-lhe dos ouvidos também.

Em todo o caso, como conseguia respirar a cabeça, sem parte do aparelho respiratório?

Onde estavam os pulmões?

Onde estava o resto?

Haveria uma outra pessoa num outro lugar com um tronco pequeno, um par de braços, uma perna, a perseguir-la?

Estaria um tronco pequeno a percorrer os corredores de um supermercado num e noutra sentido? Ou no banco de um parque, ou numa cadeira junto ao aquecedor na cozinha de alguém? Como a velha canção, Sophia canta-a em voz baixa para não a acordar, sou filho de ninguém. Sou filho de ninguém. Como uma flor. Cresço selvagem.

O que é que lhe tinha acontecido?

O que lhe tinha acontecido causara-lhe muita dor?

Sentiu dor ao pensar nisso. A própria dor foi surpreendente. Sophia não sentia nada há muito tempo. Refugiados no mar. Crianças em ambulâncias. Homens encharcados em sangue a entrarem apressados em hospitais ou a saírem de hospitais em chamas segurando crianças ensanguentadas nos braços. Cadáveres cobertos de pó na beira da estrada. Pessoas espancadas e torturadas em celas.

Nada.

Tão-pouco apenas, bem, as habituais coisas terríveis do quotidiano, pessoas comuns em simples trânsito nas ruas do país onde crescera, que pareciam arruinadas, dickensianas, quais fantasmas da pobreza de há 150 anos.

Nada.

Mas agora estava sentada à sua mesa na véspera de Natal e sentia dor tocar através dela como uma meticulosamente afinada música de muitas cordas e ela o instrumento.

Porque como podia a perda de tanto de um ser *não* doer?

O que posso eu dar-lhe? Pobre como sou?

Ah. Isso fê-la lembrar-se.

Viu as horas no forno.

O banco encerraria mais cedo por causa do Natal.

O banco.

Bem. Isso bastou

(o dinheiro sempre bastou, sempre bastará)

e eis em vez disso uma outra versão do que estava a acontecer naquela manhã, como algo extraído de um romance no qual Sophia é o tipo de personagem que escolheria ser, preferiria ser, uma personagem numa história muito mais clássica, perfeitamente adequada e reconfortante, sobre quão sombria porém fulgurante a sinfonia-maior do inverno é e quão belo tudo parece sob geada espessa, sobre como cada folha lanceolada é por ela ornada e prateada numa beleza só sua, sobre como mesmo o aborrecido asfalto das estradas, o pavimento debaixo dos nossos pés, brilha quando fez frio suficiente e sobre como algo no nosso âmago, no âmago de todos os nossos estados frios e congelados, derrete quando encontramos um tempo de paz na Terra, de boa vontade para todos os homens; uma história na qual não há espaço para cabeças cortadas; uma obra na qual a modéstia de sinfonia-menor de Sophia e o seu decoro narrativo, ambos perfeitamente adequados, acrescentam à história em que ela está o ajustado estatuto discreto de mulher-em-envelhecimento-dotada-de-sabedoria-adquirida-pela-experiência, tornando a história ponderada, digna, convencional na estrutura graças a Deus, o tipo de ficção literária de qualidade em que o lento banco de neve através da paisagem é misericordioso, tem um perfeito decoro de abafamento próprio, a neve cai para branquear, amaciar, velar e embelezar ainda mais uma paisagem onde *não* há cabeças separadas de corpos a pairar nem em parte nenhuma, sejam recentes, de assassinatos ou atrocidades ou terrorismos recentes, ou antigas, de antigos assassinatos e atrocidades e terrorismos históricos e legadas ao futuro como que em velhos cestos da Revolução Francesa, o seu trabalho de verga acastanhado pelo velho sangue ressequido, colocados à porta das casas asseadas e interativas-com-aquecimento-central de

hoje com bilhetes atados às asas dizendo *agradece-se o favor de cuidar desta cabeça,*

bem, não,
obrigada,
muito obrigada:

em vez disso, era a manhã da véspera da Natal. Seria um dia atarefado. Pessoas vinham passar o Natal, Arthur traria a namorada/companheira consigo. Havia coisas a tratar.

Depois do pequeno-almoço Sophia deslocou-se de carro à vila, em direção ao banco, cujo site anunciava que estaria aberto até ao meio-dia.

Continuava a ser, apesar dos prejuízos, aquilo que o banco designava por titular de conta coríntia, o que significava que os seus cartões bancários tinham a imagem de uma coluna coríntia com o seu floreio de folhas de pedra, contrariamente aos cartões de titulares de conta mais comuns que não tinham nenhuma imagem, e o facto de ser titular de conta coríntia significava que tinha direito a um tratamento e a uma atenção individualizados no banco providenciados por um Gestor Dedicado. Por isso pagava mais de 500 libras por ano. Por isso, o seu Gestor Dedicado, caso ela tivesse alguma dúvida ou necessidade, estava disponível para se sentar à sua frente e ligar para o centro de atendimento telefónico do banco enquanto ela permanecia sentada na mesma sala à espera. Isso significava que não tinha de fazer esses telefonemas, embora por vezes, ainda assim, o Gestor Dedicado se limitasse a anotar um número numa tira de papel de impressão e a estendesse ao cliente sugerindo que talvez fosse mais confortável para o cliente fazer o telefonema a partir de casa e Sophia também havia sido vítima dessa desfaçatez muito recentemente, apesar de ser, estava em crer, ainda bem

conhecida, ou, pelo menos, bem, *conhecida*, no banco como a antiga empresária internacional de sucesso que tinha vindo para aqui com a intenção de gozar a reforma.

Que era feito dos gerentes bancários de outrora? Dos seus fatos, das suas garantias, das suas promessas, da sua perspicaz delicadeza no trato, dos seus dispendiosos cartões de Boas-Festas com imagens em relevo e assinados pelos próprios? Esta manhã o Gestor Dedicado, um jovem que aparentava ter a idade de um recém-licenciado e que trinta e cinco minutos depois de feito o telefonema, com Sophia sentada à frente dele e do computador, continuava à espera que no centro de atendimento telefónico do banco lhe passassem a chamada à pessoa indicada, não tinha a certeza se conseguiria esclarecer as dúvidas da senhora Cleves antes de o banco encerrar ao meio-dia. Talvez fosse melhor a senhora Cleves agendar uma reunião para depois da época natalícia.

O Gestor Dedicado desligou o telefone e introduziu no computador os dados para a marcação de uma reunião com um Conselheiro Dedicado na primeira semana de janeiro. Explicou a Sophia que o banco lhe enviaria um e-mail de confirmação da reunião e depois uma notificação por SMS no dia anterior. A seguir — porque o ecrã claramente o incitara a fazê-lo — perguntou à senhora Cleves se gostaria de fazer um seguro.

Não, obrigada, disse Sophia.

De edifícios, de habitação, automóvel, de bens pessoais, de saúde, de assistência em viagem, *qualquer* tipo de seguro?, disse o Gestor Dedicado consultando o ecrã.

Mas Sophia já tinha todos os seguros de que precisava.

De maneira que o Gestor Dedicado, ainda de olhos fixados no ecrã, lhe falou de mais alguns factos relacionados com os preços competitivos e as possibilidades de combinação dentro da gama de seguros que o banco disponibilizava aos seus

principais clientes. Depois examinou as especificidades da sua conta coríntia para lhe dizer quais desses seguros é que ela, enquanto titular de um cartão coríntio, já tinha, e quais os que não eram abrangidos pela sua conta coríntia.

Sophia repetiu que gostaria de levantar algum dinheiro hoje antes de ir embora.

Depois o Gestor Dedicado começou a falar de dinheiro. O dinheiro, disse ele, era agora produzido especificamente para as máquinas e não para as mãos humanas. Em breve também seria posta em circulação uma nova nota de 10 libras, parecida com a nova nota de 5 libras, feita basicamente do mesmo material, um material que facilitava às máquinas a contagem das notas, mas que dificultava imenso a vida a um ser humano que trabalhasse num banco e as quisesse contar à mão. Em breve, disse ele, praticamente não haveria seres humanos a trabalhar nos bancos.

Sophia viu-lhe na pele do pescoço um rubor, que ascendia em direção às orelhas. Também as maçãs do rosto estavam ruborescidas. Provavelmente as pessoas que trabalhavam no banco tinham antecipado o consumo das bebidas da festa de Natal. Parecia não ter idade suficiente para beber legalmente. E por um momento deu a impressão de que iria mesmo chorar. Que homem patético. As preocupações dele não lhe interessavam minimamente; porque haveriam de interessar?

Mas Sophia, que por experiência própria sabia das vantagens de uma boa relação com as pessoas que trabalham nos bancos, decidiu não ser impaciente nem desagradavelmente mordaz enquanto o Gestor Dedicado se demorava na explicação de como dera por si a optar pela caixa *self-service* para evitar o agora ultrapassado sistema de pessoas reais que ainda fazem as compras apitar nas caixas dos supermercados.

«Deus estava morto: para começar. A cortesia estava morta.

A poesia, a prosa, a pintura, todas elas estavam mortas,
e a arte estava morta. A literatura estava morta. O amor estava morto.

A morte estava morta. Muitas coisas estavam mortas.

Imagine que é assombrado pelos fantasmas de todas estas coisas mortas.»

Inverno: desolação, vento gelado, tempo dos dias mais curtos e das noites mais longas, das árvores despidas e do frio; mas é também o inverno que torna visíveis todas as coisas até então invisíveis.

Em vésperas de Natal, quatro pessoas reúnem-se numa grande casa de campo, com vista para o mundo da pós-verdade: Sophia, de 70 anos de idade, perseguida por uma cabeça sem corpo, o seu filho, Art, a braços com o final da relação com Charlotte, sua namorada de longa data, Lux, uma emigrante croata que ele contrata para a substituir, e Iris, irmã de Sophia, com quem não fala há décadas.

Eis a época que nos ensina a sobreviver.

Eis o *Inverno*.

«Herdeira de Virginia Woolf, Ali Smith reinventa o romance de uma forma subtil e decisiva. (...) Tem provado, a cada livro, que a única coisa previsível na sua extraordinária obra é a certeza da reinvenção.»

The Telegraph

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-46-1



9 789898 864451

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT